



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda da Reforma

código
AIV - F14 - PS

localização
Estrada Mariano T. Paiva, s/nº

município
Paraíba do Sul

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
sítio de recreio / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fachada principal da Fazenda da Reforma

coordenador / data **Domingos Espíndola de Aguiar & Iracema Franco - fev 2009**
equipe **Domingos Aguiar, Iracema Franco e Paola Giorgine**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

A Fazenda da Reforma está localizada no município de Paraíba do Sul, distando aproximadamente 9 km da entrada da cidade. Seguindo pela Rodovia Ministro Lúcio Meira (BR-393) em direção a Vassouras, após cerca de 3km existe uma ponte, depois da qual, dobrando à direita, chega-se à Estrada Mariano T. Paiva, sem pavimentação, que leva à fazenda. No caminho, encontramos várias fazendas, como Gironda, Cachoeira e Santo André, entre outras. A paisagem que se descortina é, em sua grande parte, a de morros do tipo meia laranja cobertos por vegetação rasteira. Após percorrer cerca de 6 km nesta estrada, depois de uma curva à direita, encontra-se a entrada da fazenda, protegida por vegetação de grande porte (f01).

Ao cruzarmos seus portões, observamos que o paisagismo que circunda a sede é de feição moderna, começando pela pavimentação em pedra, para veículos, que circunda uma rotatória que conduz, à direita, para a lateral da sede e, à esquerda, para a porta principal (f02). Algumas peças antigas, como uma mó (pedra circular de moagem), são encontradas espalhadas pelos jardins (f03).

Nesta rotatória, mais elevada e pavimentada em pedra, há um chafariz composto por três golfinhos, de cujas bocas jorram jatos d'água (f04).



01



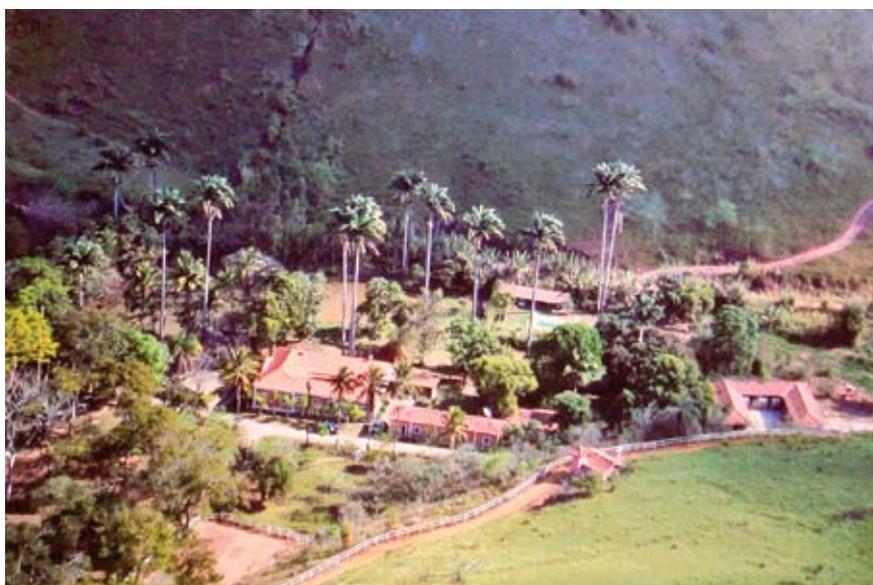
02



03



04



05

Infelizmente não existem mais, exceto pela sede, que sofreu inúmeras intervenções, as edificações que compunham a unidade de produção dos tempos do cultivo do café (f05). O proprietário atual não tem informações de onde seriam o terreiro de café, o engenho ou as senzalas, mas, é possível observar, principalmente pelas fotos aéreas, que o terreiro de secagem poderia localizar-se na frente e à esquerda da casa-sede e/ou também onde hoje se encontra um lago (f06 e f07). Mais atrás, junto à piscina, era o local destinado ao antigo moinho. Nos fundos da sede existem construções que complementam as atividades atuais, destinadas, principalmente, a criação de cavalos (na frente, à esquerda, há uma pista para equitação). Quase no mesmo alinhamento da sede, em uma mesma edificação, localizam-se o escritório, a casa do administrador, o alojamento de uso veterinário para eqüinos e, em paralelo, uma academia de ginástica. Mais acima, há uma edificação composta por baias para cavalos, seguido de um rancho e por último um curral (f08). Desde a entrada, passando por este último, existe uma via de circulação de veículos que faz uma curva e continua subindo até encontrar a atual capela (f09 e f10).



06



07



08



09



10

A distribuição funcional em planta da casa-sede remete às construções rurais que compunham as antigas unidades produtivas de café no século XIX.

Não identificamos nenhum vestígio de fundações em pedra ou madeira no perímetro próximo ao da sede que possa se reportar a alguma construção do passado. Apenas a referência história confirma a atividade cafeeira outrora existente.

A sede desenvolve-se em um único pavimento e possui duas entradas, uma na fachada frontal e outra na fachada lateral esquerda, ambas antecedidas por pequenas escadas em cantaria, cujos lances abrem-se em leque, do vão para o arranque. A entrada principal possui uma porta em madeira, ornada por bela bandeira em arco, sem nenhuma cobertura como proteção. Destaca-se sobre seu eixo de simetria, que é o da composição, um frontão triangular com escudo em auto-relevo, que não corresponde ao fechamento do telhado, mas, simplesmente como adorno de fachada (f11 e f12).

A construção é em forma de retângulo com um pátio interno, não exatamente no centro, e sim deslocado para a fachada lateral direita. Há um acréscimo moderno nos fundos ligado à cozinha (f13).



11



12



13

Conforme informação do proprietário, as paredes de pau-a-pique foram substituídas por material contemporâneo em sua quase totalidade, restando apenas as janelas, portas e o sistema construtivo dos forros, como referência dos materiais originais (f14 e f15).

A sede e as construções conjugadas são emolduradas por gramados e árvores diversas, como palmeiras e coqueiros (f16 a f19).



16



17



18



19

O embasamento, de apenas 30 cm, está revestido por argamassa em relevo, entre a parede e a calçada de entorno. Este relevo em argamassa repete-se nos elementos decorativos das fachadas, como os cunhais, colunas, vergas e sobrevergas de portas e janelas, cimbras, capitéis e beirais, observando-se em alguns pontos o comprometimento por umidade ascendente (f20 a f23).

Esta construção apresenta um telhado trabalhado com variações de rincões e espigões que distribuem as águas para a parte externa e para o pátio interno (f24).



20



21



22



23



24

Houve a preocupação da utilização de telhas capa e canal de cerâmica reportando-se às originais. O branco das cimalthas e beiral que emolduram as fachadas contrasta com a cor das paredes, tingidas em rosa imperial. (f25 a f28)

A fachada lateral esquerda é dotada de uma varanda, com pilares que sustentam uma cobertura em meia água que não parece ser original, como é possível observar pelas junções desta com a parede da fachada (f29 e f30).



25



26



27



28



29



30

As portas e janelas da sede dão ritmo e movimento às fachadas. Na frontal, os arcos das bandeiras sobre as quatro janelas e na porta principal constituem-se nos principais elementos decorativos (f31 e f32). Curiosamente, isto não se repete na fachada lateral direita e nos fundos, onde tanto as janelas quanto as portas são em verga reta, sem bandeiras, e com janelas de vidro e madeira em formato de guilhotina (f33 e f34). Nesta fachada, apenas a varanda mantém o padrão de bandeiras nas esquadrias (f35 e f36).



31



32



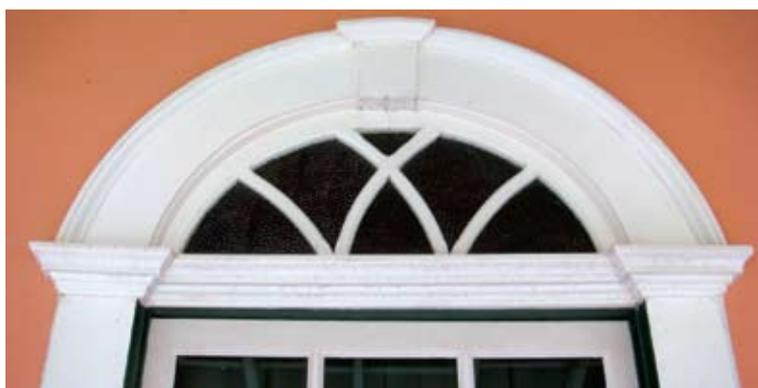
33



34



35



36

As janelas apresentam internamente duas folhas em madeira maciça enrelhada e a porta da fachada principal apresenta moldura e vidros externamente e duas folhas em madeira bruta, o que se repete na maioria das portas internas. (f37 e f38)

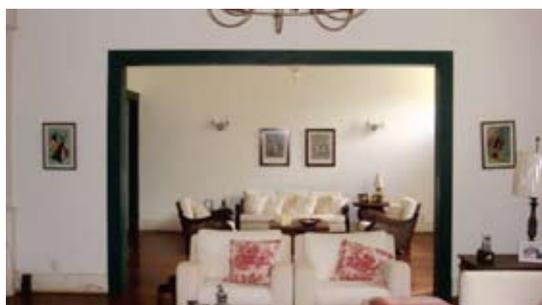
As necessidades do modo de vida atual com certeza influenciaram nas modificações internas, realizadas para dar mais conforto aos usuários desta fazenda. A porta principal se abre diretamente para a sala de estar e sala de TV e a entrada lateral esquerda, antecedida por varanda, acessa a saleta de jogos (f39 e f40). Os cinco quartos estão todos alinhados numa mesma fachada e voltados para nordeste, mas o acesso entre eles é interrompido pelo pátio interno.



37



38



39



40



41



42

Existe uma segunda sala de estar, ligada à cozinha e com entrada independente, que pode ter servido como sala de almoço anteriormente. As paredes internas são pintadas na cor branca, contrastando com o verde forte das portas e janelas de madeira. Os forros são em madeira, também pintados na cor branca e com sistema de encaixe macho e fêmea, emoldurados por cimalthas de madeira (f41).

Não é possível afirmar que as tábuas do assoalho de madeira são originais, pois a regularidade na largura e as modificações das paredes levam a crer na sua substituição. Os pilares são revestidos em madeira nas salas de estar e de TV (f42 e f43).

A distância entre a sede e a atual capela revela uma situação não muito comum em relação à concepção original de uma fazenda de café. Nelas, as capelas geralmente eram posicionadas ao lado de varandas e quartos, quando internas, ou, próximas à sede, quando externas. No seu interior encontram-se castiçais de madeira, um pequeno oratório e sino, que não se pode afirmar serem oriundos da capela (f44, f45 e f46).



43



44



45

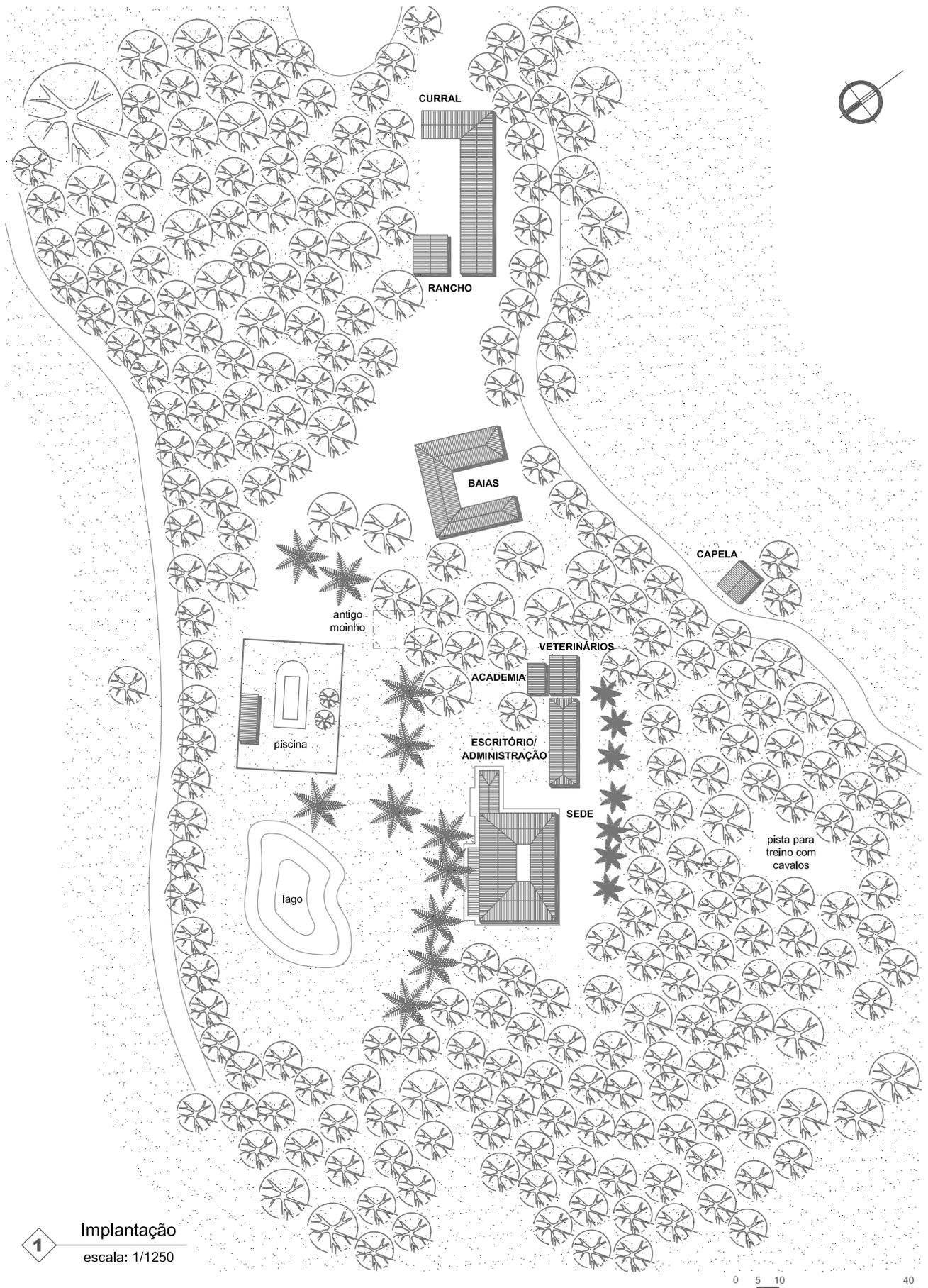


46

A fazenda, no seu aspecto geral, apresenta-se em bom estado de conservação, em virtude das diversas reformas que sofreu.

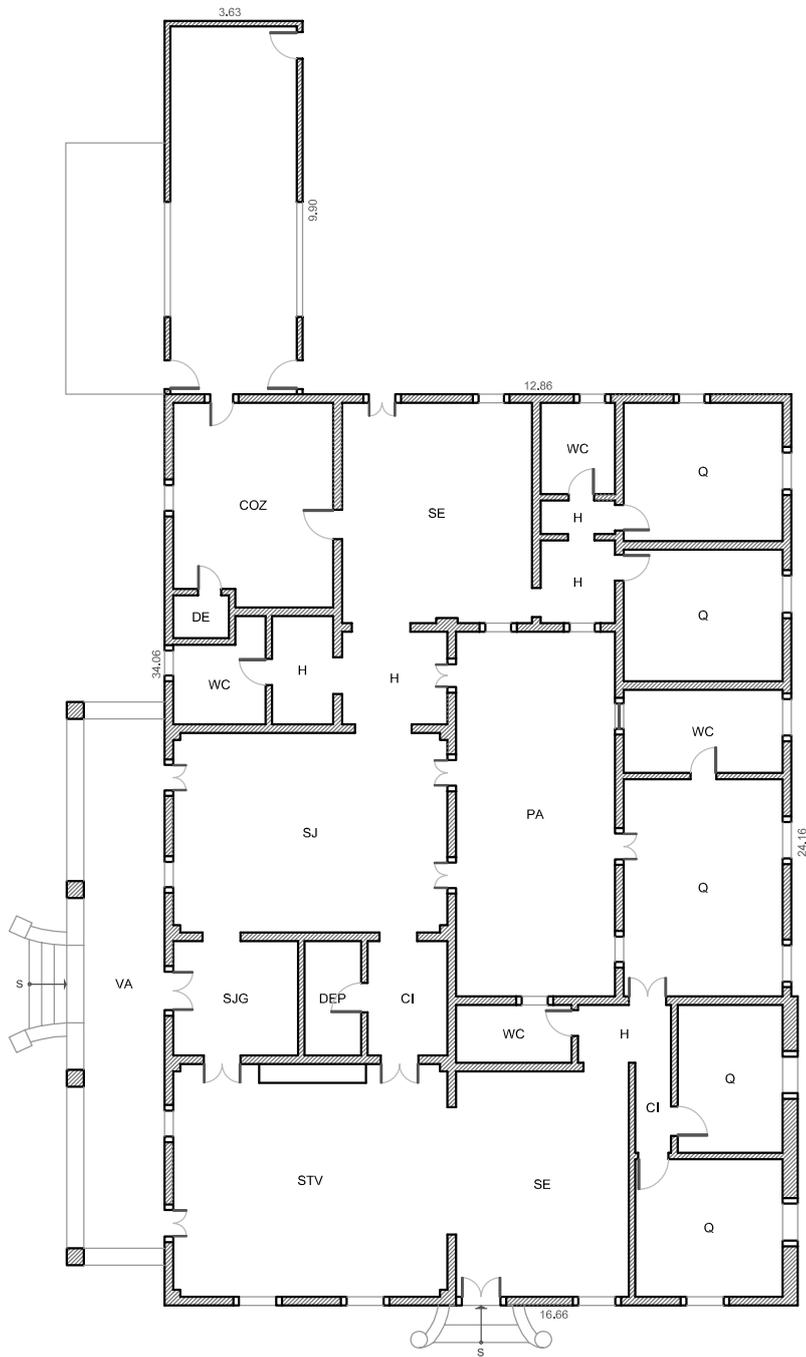


FAZENDA DA REFORMA



1 Implantação
escala: 1/1250

FAZENDA DA REFORMA



1

Planta Baixa da Sede

escala: 1/200



CI - circulação	DE - despensa	H - hall	Q - quarto	SJ - sala de jantar	STV - sala de tv	WC - banheiro	alvenaria existente
COZ - cozinha	DEP - depósito	PA - pátio	SE - sala de estar	SJG - sala de jogos	VA - varanda	alvenaria demolida	

“Essa fazenda foi do capitão Simão Dias dos Reis¹, um dos mais inteligentes lavradores do município de Paraíba do Sul. Tinha ótimas instalações e máquinas de sua invenção, além de outros melhoramentos introduzidos na cultura da terra.

O capitão Simão Dias dos Reis era filho da província de Minas e aparentado do Tiradentes. Sem nunca ter frequentado qualquer curso, era homem de verdadeira ilustração, tendo-se feito por si, em seu gabinete. Foi sempre considerado o pai de seus escravos. Nunca deixou de concorrer para obras de caridade e servir a seu país, quer nos cargos de eleição popular, quer nos de nomeação do governo, como veremos já.

Celebrizou-se em toda a zona por ocasião da construção da Estrada de Ferro Pedro II, pois, quando chegaram as obras, em 1867, a Entre-Rios, originaram-se ali grandes desordens, que terminaram em morticínios.

Nessa época era o capitão Simão Dias delegado de polícia e resolveu acabar com as arruaças, provocadas quase sempre por uns “portuguesinhos” de Serraria. Esses se uniam a pretos capoeiras e divertiam-se provocando para briga os trabalhadores da estrada, fato que repercutia em jornais da Corte. Com boas maneiras, procurou o delegado a resolver a situação, o que não conseguiu. Acompanhado então de boa escolta seguiu para Entre-Rios e deu ordem de não ser permitida a entrada dos desordeiros na povoação, mas eles não se intimidaram e tentaram passar pelos soldados. Diante disso o delegado deu ordem de fogo e cinco malfeitores caíram mortos, cessando dessa data em diante todas as ocorrências de polícia em Entre-Rios.

O capitão Simão Dias dos Reis foi mais tarde agraciado com o título de barão, pelos serviços prestados ao município de Paraíba do Sul e por, em 1883, ter libertado 63 escravos, desistindo também do serviço de 33 ingênuos. Muitas foram as felicitações que recebeu, e entre elas a do Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, deputado pela província de Pernambuco e diretor-geral da Secretaria de Agricultura, o qual lhe enviou este telegrama por intermédio do poeta Dias da Rocha: “Meu caro Rocha, recebi o teu telegrama acerca das manumissões generosamente dadas pelos Sr. Simão Dias e sua mulher. Se os conheceres, beija-lhes por mim as dadivosas mãos, que jamais as houve mais puras e mais dignas. Nobres e grandes corações! Todo teu. G. Lobo. 24/11/83”.

O barão de Simão Dias foi casado em primeiras núpcias com Teodora da Silva, e teve os filhos seguintes: Matilde, que se casou com Eduardo Ernesto da Gama Cerqueira, advogado e irmão do conselheiro Gama Cerqueira, e Carlota, que se casou com o Dr. Jerônimo Máximo Vessiani e Castro.

Ficando viúvo, casou-se em segundas núpcias com sua cunhada Maria Rosa, não havendo filhos desse consórcio.

À Fazenda da Reforma, que tinha 100 alqueires de terras, pertenciam os sítios Grota Funda e Santa Cruz.

Faleceu o barão de Simão Dias em 1886 em nossa cidade e está enterrado no cemitério local no mais profundo e desumano dos esquecimentos. Seu túmulo se distingue facilmente dos demais, por ser uma coluna terminada em pirâmide, do melhor mármore, e das poucas que ostentam a coroa de barão.

Na década de 1920, a Fazenda da Reforma, das mais próximas à cidade, pertencia a Manuel Cerneira Quintas.²

¹ Foi desse fazendeiro uma das mais argutas observações sobre a incapacidade dos libertos de se autodeterminarem, dada a dependência total dos brancos que viviam, caso a Abolição ocorresse abruptamente, como ocorreu e ele não viu, pois faleceu dois anos antes do descalabro da lavoura e nascimento das favelas. Foi a conclusão lógica a que chegou, ao observar o que ocorrera a seus escravos quando das manumissões reportadas adiante. Não há em nossa vida pública outro de tanta lucidez.

² Texto original de Pedro Gomes da Silva, extraído do livro *Capítulos de história de Paraíba do Sul*. 1ª ed. Paraíba do Sul / Rio de Janeiro: Irmandade Nossa Senhora da Piedade, 1991, pp.182-183.